

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA DA ESTÓNIA: UM NINHO AO VENTO
EM COLABORAÇÃO COM O ESTONIAN FILM INSTITUTE, COM O APOIO
DA EMBAIXADA DA ESTÓNIA EM LISBOA
18 e 21 de abril de 2023

HULLUMEELSUS / 1968
(“*Loucura*”)

Um filme de Kaljo Kiisk

Realização: Kaljo Kiisk / *Argumento:* Viktors Lorencs / *Produção:* Arkadi Pessegov, Estúdios Tallinfilm / *Direção de Fotografia:* Anatoli Zobolotsky / *Design de Produção:* Halja Klaar / *Música:* Lembit Veevo / *Interpretações:* Jüri Järvet (Windisch), Voldemar Panso (Peaarst), Mare Garšnek (Sophie), Vaclovas Bledis (Inimene Nr. 1), Bronius Babkauskas (Willy), Valeri Nossik (Toimetaja), Viktor Pljut (Krohn) / *Cópia:* Digital, a preto e branco, falado em estónio com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 79 minutos / *Estreia Mundial:* 17 de fevereiro de 1969, Tallinn, Estónia / *Inédito Comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sabemos, graças a filmes como **Shock Corridor** (1963) de Samuel Fuller ou **Shutter Island** (2010) de Martin Scorsese, que num asilo psiquiátrico facilmente “o caçador se torna o caçado”. A fórmula poderá tornar a narrativa desta obra incontornável do cinema moderno soviético, de produção e língua estónias, algo previsível, mas só no papel: o que interessa aqui não é propriamente o modo como o abismo chama pelas tropas nazis ocupantes, e em particular pelo seu muito zeloso e bem néscio oficial da Gestapo, Windisch, interpretado magistralmente por um dos nomes maiores do cinema estónio, Jüri Järvet (conhecido do grande público por causa do seu papel em **Solaris** [1972] de Andrei Tarkovsky, na pele do Doutor Snaut, mas o espectador poderá voltar a vê-lo neste ciclo dedicado ao cinema estónio, por exemplo, em registo cómico embora não menos truculento em **Viini Postmark** / “**Carimbo Postal de Viena**” [1968] de Veljo Käsper). Estava a dizer: o que atrai nesta narrativa é, acima de tudo, *o movimento da descida*, muito mais do que propriamente essa visão do abismo, em concreto quando a iminente derrota nazi é sinalizada pelo rimbombar das explosões aliadas ouvidas à distância (mas sentidas bem de perto, com som e fúria, quais “alucinações demasiado reais”).

E a descida abismal tem qualquer coisa de fullariana, apesar do tom delirante, quase estilhaçado, que domina a diegese. No entanto, há poucos delírios “exteriores” à narrativa: o filme de Kiisk tem esse condão de nunca ceder a um “caligarismo” fácil e feiral (duas referências assumidas para a produção do filme foram **La tête contre les murs** [1959] de Georges Franju e **Le procès** [1962] de Orson Welles). A loucura apresenta-se imanente a esta história desenrolada numa época enferma e localizada, ali, onde os clinicamente ineptos recebem alguma forma de tratamento – “Eles também são humanos e nunca se sabe onde iremos acabar”, avisa, com sulfurosa ironia, o médico responsável por todos estes pacientes a quem promete não tanto a cura, mas mais a

própria sobrevivência face aos intentos genocidas das tropas inimigas. Há, no entanto, um terceiro elemento central nesta sátira, que, aliás, se repercutiu de modo violento à data do lançamento do filme: um muito frontal desejo de vingança.

Quem é o inimigo *do* filme se não todas as formas de totalitarismo ou de domesticação do Homem pelo Homem? Aquilo que é o discurso *no* filme, relativo às atrocidades cometidas pelos nazis, ressalta, *do* filme, para a realidade vivida contemporaneamente, debaixo do totalitarismo soviético. A vingança ou o acerto de contas era tão eloquentemente assim – ou foi sentido como tal por quem o viu em primeira mão – que as autoridades de Moscovo decidiram limitar a distribuição do filme, lançando **Hullumeelsus** para a obscuridade. Desde a Primavera de Praga, a censura russa tornou-se ainda menos contemplativa com filmes de carga histórica ou registo satírico como este. Além de cenas rasuradas no guião, uma versão mais curta da montagem final foi “encomendada” por Moscovo para uma distribuição limitadíssima, que condenou a obra à invisibilidade até que, em 2012, jornalistas e críticos da Estónia elegeram **Hullumeelsus** como o segundo melhor filme estónio do século, logo atrás do muito mais ameno “recorte” da infância **Kevade/“Primavera”** (1969) de Arvo Kruusement.

A sequência final, com o oficial ensandecido a dirigir-se à plateia, quebrando assim a quarta parede, torna evidente “a mensagem” contida nesta obra em que sentimos a realidade “lá fora” (que vem “de fora”) como mais doentia do que aquela encontrada dentro de portas, naquele local apinhado de “traumatizados”. Logo ao início do filme, um dos doentes parece mimetizar a investigação estéril e absurda do oficial da Gestapo, interrogando-se permanentemente sobre se já viu esta ou aquela pessoa. O filme parece versar essencialmente acerca de um problema de identificação ou reconhecimento histórico e moral; de uma luta terrível travada na Segunda Guerra Mundial, em nome da humanidade que nos restava, em face das cedências ou abusos cometidos contemporaneamente, em nome de uma desumanidade sobrance que, amnésica, persistia.

Luís Mendonça